

Palatalização progressiva de /t/ e /d/ precedidas de fricativa palatalizada em Alagoas: mudança em progresso rumo à estabilização

Almir Almeida de Oliveira¹

Alan Jardel de Oliveira²

Resumo: Este estudo investiga, com base em pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, o processo assimilatório variável de palatalização progressiva das oclusivas alveolares precedidas de fricativa alveolar palatalizada, como em formas linguísticas do tipo 'gos[t]o' ~ 'gos[tʃ]o' ou 'des[d]e' ~ 'des[dʒ]e', em Alagoas. O estudo analisa 5.142 ocorrências de dados de fala espontânea de 168 participantes distribuídos em sete cidades de Alagoas/AL, estratificados entre idade, sexo/gênero e escolaridade. As variantes foram classificadas por análise espectrográfica com o uso do programa programa computacional PRAAT. Os dados foram estatisticamente analisados no programa R, em sua plataforma de desenvolvimento integrado RStudio, por meio da realização do teste de razão de máximo verossimilhança (TRMV), do teste de Wald e do teste de correlação de coeficiente intraclasse (CCI) em um modelo multivariado de regressão logística multinível. Conclui-se que há mudança linguística em progresso em direção à palatalização e que o processo está relacionado com aspectos diatópicos, sendo mais produtivo na capital do estado e menos produtivo na região oeste. Nossa hipótese é a de que o processo se iniciou

-
- 1 Possui graduação em Letras pela Universidade de Pernambuco (2005), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2012) e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2017). Fez estágio de pós doutoramento junto à Universidade Federal de Alagoas, investigando os processos de palatalização progressiva das oclusivas alveolares em Alagoas (2019) e junto ao Instituto de Estudos Linguísticos da Unicamp (2023). Atualmente é professor da Universidade Estadual de Alagoas, onde já atuou como coordenador e vice coordenador do curso de Letras (2018-2021) e Conselheiro superior. É líder do Grupos de Estudos da Variação Linguística de Alagoas (GEVAL-AL). Tem experiência de pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística Variacionista, Contato Linguístico, percepção e avaliação linguística.
 - 2 Possui Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais (Variação e Mudança Linguística), mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (Variação e Mudança Linguística) e graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (licenciatura em Língua Portuguesa). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Alagoas. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialectologia, atuando principalmente nos seguintes temas: variação e mudança linguística, sociolinguística variacionista, fonética e fonologia e métodos quantitativos em linguística. Coordena o Projeto "Variação Linguística no Português Alagoano - PORTAL"

em Maceió, expandindo-se gradual e progressivamente para o interior; o processo tende à variação estável na capital, diferentemente do que ainda se observa no interior do estado. Verifica-se, ainda, que esse processo não é socialmente estigmatizado, visto que escolaridade e sexo/gênero não apresentam efeito significativo quanto à escolha das variantes.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Variação fonético-fonológica em Alagoas. Palatalização progressiva.

Introdução

Neste trabalho, investigamos o processo assimilatório variável de palatalização progressiva das oclusivas alveolares precedidas de fricativa palatalizada em Alagoas. O processo ocorre em exemplos como:

1. Ela [iʃtʃu'davə] (estudava) - AR40F01³
2. ['deʒdʒɪ] (desde) pequeno - PV50F15
3. ['maɪʃʃã'bẽi] (mas também) - DE18F09
4. ['maɪʒdʒe'poɪs] (mas depois) - AR68F01

Nosso foco é a investigação da distribuição diatópica da palatalização, em falares alagoanos, e das pressões sociais e linguísticas no processo.

As variantes palatalizadas em ambiente progressivo, chamadas por Mota e Rolemberg (1997) de africadas baianas, são comuns na Região Nordeste, sendo encontradas em toda a extensão Leste, que vai da Bahia ao Rio Grande do Norte (SANTOS, 1996; MOTA; ROLEMBERG, 1997; HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014; OLIVEIRA, 2017), com diferentes índices de realização de região para região.

O trabalho de Santos (1996), o primeiro a investigar a palatalização progressiva em Alagoas, indica que, naquela época, a palatalização era pouco frequente, com apenas 6% das ocorrências em Maceió. Oliveira

3 O código apresenta informações sobre cidade, escolaridade, idade e sexo do informante.

(2017), por outro lado, constatou, ao realizar pesquisa na mesma cidade, vinte anos depois, uma produtividade em torno de 20%. Diante disso, uma das hipóteses desse é a de que a palatalização, nesse contexto, está em processo de mudança linguística.

Algumas questões norteiam o presente trabalho:

- a) Qual a interferência de aspectos geográficos na palatalização em Alagoas?
- b) O processo é socialmente estigmatizado em falares alagoanos?
- c) Trata-se de um processo de mudança linguística em progresso?
- d) Como os fatores internos da língua atuam no processo de palatalização?

Para responder a tais questões, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; MEYERHOFF, 2006), para a qual fatores linguísticos e sociais atuam conjuntamente no condicionamento de processos linguísticos variáveis e fornecem pistas dos valores sociais que operam sobre a língua.

Metodologia

Adotamos nesse estudo a proposta teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista, apresentada principalmente em Labov (2008) para a análise da variação e da mudança linguística, a qual prevê a identificação de um processo variável em uma comunidade de fala, a seleção de informantes, a coleta e análise de entrevistas e a análise quantitativa em busca dos fatores que interferem no processo de variação.

Os dados analisados fazem parte do projeto 'PORTAL - Variação

linguística no português alagoano⁴ (OLIVEIRA, 2017). Analisamos dados de sete cidades alagoanas (Maceió, Arapiraca, Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, Palmeira dos Índios, União dos Palmares e São Miguel dos Campos), cada uma pertencente a uma microrregião do Estado⁵.

A amostra dessa pesquisa foi constituída por dados de fala de 168 participantes, 24 por cidade pesquisada. Os critérios de inclusão foram (1) ter nascido no município, (2) não se ter ausentado do município por mais de dez anos e (3) ter ambos os pais nascidos também no município (preferencialmente). A amostragem utilizada foi a não probabilística por meio da técnica “bola de neve”, de acordo com a qual os participantes são selecionados por indicação de amigos ou conhecidos (MILROY, 1987). Foram abordadas pessoas não conhecidas do entrevistador, mas que fossem conhecidas de alguém que o entrevistador conhecesse. A amostra por cidade foi composta de cotas, considerando as variáveis sociais *sexo* (masculino e feminino), *faixa etária* (entre 18 e 30 anos, entre 40 e 55 anos e acima de 65 anos) e *escolaridade* (menos de 9 anos e mais de 11 anos).

Os dados da pesquisa foram coletados por meio de entrevistas do tipo “história de vida”, definida por Chizzotti (2011) como “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida” (CHIZZOTTI, 2011, p. 101). Além desse tipo de relato, buscamos também a opinião dos participantes em relação a temas polêmicos.

Para a gravação, foi utilizado um gravador de voz da marca TASCAM, modelo DR-100. As gravações foram realizadas em formato *.wav*, com taxa de amostragem de 24bits e resolução de 48kHz. Utilizou-se também um microfone *headset* condensador cardioide unidirecional da marca Arcano, modelo WZ-1000. As gravações tiveram duração entre 9 e 11 minutos.

4 Projeto financiado pelo CNPq e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Alagoas.

5 Há 13 microrregiões no estado de Alagoas.

As entrevistas foram transcritas de acordo com a ortografia padrão, e as transcrições foram feitas com o software PRAAT, o que possibilitou a sincronização entre áudio e transcrição. Os intervalos no PRAAT foram criados em função das pausas (silêncio maior ou igual a 200ms). Foram criados três *tiers*: para falas do documentador; para fala do participante e para ‘outros’, no qual se registraram falas de terceiros ou outros sons.

A seleção das ocorrências nos dados foi feita de forma automática, utilizando recursos de editores de textos (busca e destaque de sequências *st*, *sd*). Todas as ocorrências foram analisadas acusticamente (com exame de espectrogramas e oscilogramas) com o objetivo de classificar, de forma mais objetiva, as variantes.

A variável dependente do estudo é a alternância entre as oclusivas alveolares /t/ e /d/ e as africadas [tʃ] e [dʒ] pelo processo de palatalização progressiva em contexto precedido de fricativa palatalizada, como em itens do tipo ‘gosto’ e ‘desde’.

As variáveis sociais investigadas foram: sexo/gênero (masculino ou feminino); idade e escolaridade (analisadas como variáveis contínuas); e a localidade geográfica, sendo entrevistados falantes de cidades de diferentes regiões do Estado: Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios, São Miguel dos Milagres, Santana do Ipanema e União dos Palmares.

As variáveis linguísticas investigadas foram (1) a *vogal anterior*, que se refere à vogal que antecede a fricativa (casta, peste, cisto, posto, susto); (2) a *vogal seguinte*, que se refere à vogal pós oclusiva (casta, gostei, justiça, história, gosto); (3) a *consoante-alvo*: t (pasta) ou d (desde); (4) a *posição*, que trata da presença das consoantes-alvo em posição interna da palavra (gosto, desde) ou em posição de fronteira (osos dois, mas também); e (5) o *acento*, que se refere à tonicidade da sílaba que contém a consoante alvo: átona (estudar, gosto) e tônica (gostar, justiça). Também foram analisadas como variáveis de nível mais agregado o *item lexical* e o *indivíduo*.

Para a análise quantitativa, empregamos métodos inferenciais

de análise estatística (tabelas de contingência, testes univariados e multivariados e métodos de regressão multinível). A estimação dos efeitos associados às variáveis independentes foi feita com modelos de regressão logística multinível, um modelo multivariado que controla efeitos de variáveis mais agregadas. Os dados analisados no trabalho possuem estrutura hierárquica, já que as observações podem ser agrupadas segundo os *indivíduos* que as produziram e os *itens lexicais*. A estimativa do quanto da variabilidade observada pode ser explicada pelos níveis mais agregados (indivíduo e item lexical) foi obtida pelo *coeficiente de correlação intraclasse* (CCI).

Analisamos, inicialmente, a presença de multicolinearidade (falta de ortogonalidade) entre variáveis independentes, verificando os fatores de inflação da variância (VIF). Tal recurso permite a identificação de fatores correlacionados, analisando-se o aumento da variância de tais fatores. Se todos os VIFs forem próximos de um, não há multicolinearidade; mas, se alguns VIFs forem maiores do que um, os fatores estão correlacionados. Quando um VIF é maior que 10, o efeito do fator não é estimado de maneira apropriada.

Dois testes estatísticos foram utilizados: o *teste da razão de verossimilhança* (TRV) e o *teste de Wald* (TW). O TRV analisa a significância estatística entre variáveis independentes, permitindo identificar variáveis independentes estatisticamente significativas e hierarquizar tais variáveis; o TW analisa a significância estatística entre fatores no interior das variáveis independentes, permitindo identificar fatores que apresentam efeitos estatisticamente diferentes da média dos efeitos dos fatores em uma variável independente (peso relativo = 0,50).

A hipótese nula do TRV é a de que o efeito de uma variável independente em um modelo de regressão é igual a 0. A hipótese alternativa é a de que o efeito de tal variável é diferente de 0. A significância do teste mede a probabilidade de cometermos um erro ao negarmos a hipótese

nula, sendo a hipótese nula verdadeira. Quanto menor a significância no TRV, maior a interferência da variável independente no efeito da variável dependente. No *Varbrul* e no *GoldVarb* (softwares tradicionalmente utilizados na análise da variação linguística), o TRV é utilizado nas rotinas *step-up* e *step-down*. Nesse trabalho, fizemos a seleção e a hierarquização das variáveis estatisticamente significativas usando um método semelhante ao *step-down*. Todas as variáveis independentes foram incluídas no modelo. As variáveis foram retiradas uma a uma considerando a maior significância no TRMV. O modelo final contém somente variáveis que apresentam significância $<0,05$. A hierarquização das variáveis estatisticamente significativas foi feita pela significância estatística de cada variável incluída no modelo final. O TRV também foi utilizado para testar a interação entre variáveis sociais.

A hipótese nula do *teste de Wald* é a de que o efeito de um fator em uma variável independente é igual à média dos efeitos dos fatores dessa variável. A hipótese alternativa é a de que o efeito de tal fator é diferente da média dos efeitos dos fatores. Da mesma forma, a significância do TW mede a probabilidade de cometermos um erro ao negarmos a hipótese nula, sendo a hipótese nula verdadeira. Quanto menor a significância no TW, maior a diferença entre o efeito de um fator e a média dos efeitos dos fatores. No *Varbrul* e no *GoldVarb*, a média dos efeitos dos fatores é dada pelo que se chama, tradicionalmente, de efeito neutro (peso relativo = 0,50). O TW permite verificar se o efeito de um fator é estatisticamente diferente do efeito neutro. Tal teste é bastante útil para pesos relativos próximos de 0,50.

Nesse trabalho, a análise estatística foi feita com o auxílio do *software* R, utilizando os pacotes 'gmodels' (para gerar tabelas de contingência), 'lme4' (para regressão logística multinível, TRV e TW), visreg (para gráficos

de interação), DAAG (para o teste de multicolinearidade)⁶.

Resultados e discussão

Foram identificadas 5.142 ocorrências de contextos propícios à palatalização de oclusivas alveolares antecedidas de /s/, das quais 955 (18,6%) foram palatalizadas. Tal percentual é semelhante ao observado em OLIVEIRA (2017) (que constatou 19,1% de palatalização em Maceió/AL) e distancia-se da produção dessa variante em outras regiões do Nordeste, como em Salvador-BA, 2,4%, (MOTA; ROLEMBERG, 1997) e João Pessoa-PB, 10,5%, (HENRIQUE; HORA, 2012), o que nos permite afirmar que a palatalização progressiva das oclusivas alveolares é mais frequente em Alagoas do que em outros locais do Nordeste.

Após a identificação das variantes, passamos ao ajuste do modelo de regressão. Inicialmente, analisamos a presença de multicolinearidade analisando os VIF (fatores de inflação de variância). Identificamos VIF=3 para as variáveis *posição* e *consoante alvo*. No cruzamento entre tais variáveis, verificamos que grande parte dos dados da consoante /d/ se encontra em posição de *fronteira* (96%). Além disso, 88% dos dados de /t/ encontram-se em posição *interna*. Essa falta de ortogonalidade pode estimar, de maneira inadequada, os efeitos desses fatores. Diante disso, caso haja efeito estatisticamente significativo para tais variáveis, testaremos esse efeito em subamostras, para verificar se os efeitos dos fatores não estão sendo confundidos.

O modelo final de regressão foi ajustado com o uso do *teste da razão de verossimilhanças* (TRV), testando-se, em um modelo multivariado de regressão logística multinível (tendo como variáveis de nível mais agregado

6 Tutoriais e *scripts* para análise variacionista no R estão disponíveis em <https://www.valr.com.br>

o indivíduo e o item lexical), as variáveis independentes linguísticas *tonicidade*, *posição*, *consoante alvo* e *vogal seguinte* e as variáveis sociais *sexo/gênero*, *idade*, *escolaridade* e *cidade*, assim como as possíveis interações entre variáveis sociais. As tabelas a seguir apresentam os resultados para as variáveis independentes após o ajuste do melhor modelo, apresentadas na ordem do TRV.

Tabela 1: Variáveis independentes incluídas no modelo final (estatisticamente significativas)

	Total	% _{palatalização}	Peso Relativo	Sig. _{Wald}	Sig. _{TRV}
Vogal seguinte					2,7e-16
I	1369	23,2	0,71	<0,001	
U	1069	26,0	0,56	0,113	
E	562	9,8	0,46	0,427	
O	403	9,4	0,41	0,094	
A	1739	15,4	0,35	<0,001	
Posição					2,2e-08
interno	3351	25,2	0,65	<0,001	
fronteira	1791	6,2	0,35	<0,001	
Consoante alvo					2,5e-05
T	3758	23,3	0,65	<0,001	
D	1384	5,7	0,35	<0,001	
Cidade ⁷ * Idade					0,0434
Arapiraca	675	15,7			
Delmiro Gouveia	755	9,4			
Maceió	974	28,6			

7 A variável categórica *cidade* interage com a variável contínua *idade*. Por isso, não há totais, percentuais e pesos relativos. Os resultados serão apresentados em gráficos de interação.

Palmeira dos Índios	722	16,5			
Santana do Ipanema	618	18,3			
São Miguel dos Milagres	608	19,2			
União dos Palmares	790	19,0			
Tonicidade					0,0444
átono	2765	19,8	0,53	0,048	
tônico	2377	17,1	0,47	0,048	
Total	5.142	18,6			

Fonte: elaboração própria

Tabela 2: Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final

	n	Variância	CCI	Sig. _{TRV}
Indivíduo	168	0,549	14,3%	2,7e-16
Item lexical	693	0,496	13,1%	2,7e-16

Fonte: elaboração própria

Tabela 3: Variáveis independentes excluídas do modelo final (sem significância estatística)

	Total	% _{palatalização}	Peso Relativo	Sig. _{Wald}	Sig. _{TRV}
Sexo/gênero					0,4844
Feminino	2490	19,4	*	*	
Masculino	2652	17,8	*	*	
Escolaridade ⁸					0,1875
Total	5.142	18,6			

Fonte: elaboração própria

8 A variável *escolaridade* é uma variável contínua; por isso, não há totais e percentuais.

Como vimos, há falta de ortogonalidade entre as variáveis *consoante alvo* e *posição*. Para investigar se há confusão entre efeitos dos fatores de tais variáveis, examinamos os fatores em subamostras (/t/ e /d/ nas subamostras ‘somente interno’ e ‘somente fronteira’; *fronteira* e *interno* nas subamostras ‘somente em /t/’ e ‘somente /d/’). Nessa análise, constatamos que não houve diferença nos efeitos dos fatores envolvidos quando analisados em subamostras, ou seja, a *consoante alvo /t/* é mais favorecedora em ambas as *posições*; e a *posição de interna* é mais favorecedora em ambas as *consoantes-alvo*. Portanto, são válidos os resultados para tais variáveis na Tabela 1.

Na Tabela 3, as variáveis *sexo/gênero* e *escolaridade* não apresentaram significância estatística, não havendo, portanto, diferença significativa entre os *sexos/gêneros* e as *escolaridades*. Na tabela 1, observamos que há interação entre *cidade* e *idade* e nenhuma outra interação apresentou significância estatística.

O resultado para a variável *sexo/gênero* diferencia-se de outras pesquisas, que observaram tendência de mais palatalização progressiva entre os homens (HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014; OLIVEIRA, 2017; OLIVEIRA, OLIVEIRA, PAULA, 2018).

A variável *escolaridade* também não apresentou significância estatística. Tal variável, associada a outras variáveis sociais, tem contribuído para compreender fenômenos sociolinguísticos. Os resultados frequentemente permitem medir o efeito da escola nos processos variáveis, o que pode, indiretamente, corresponder à identificação de variantes mais estigmatizadas e de formas associadas à norma culta. A variável *escolaridade* pode fornecer dupla informação social, influência do nível de escolarização na escolha linguística do colaborador e indícios de sua classe social. Cregan (2008, p. 12) afirma: “como as escolas usam as estruturas linguísticas, padrões de autoridade e currículos da cultura dominante (isto é, das classes média e alta), há um alinhamento natural entre as famílias de classe média e a cultura da escola”. Assim, é possível supor que a

palatalização progressiva das oclusivas alveolares, precedidas de fricativa palatalizada, não é socialmente estigmatizada em Alagoas. A ausência de significância para a variável *sexo/gênero* também fornece argumentos a esta suposição. Labov (1991, p. 210) afirma que “os homens usam mais as formas não padrão, menos influenciados pelo estigma social dirigido contra elas; ou, inversamente, as mulheres usam mais as formas padrões, respondendo ao prestígio evidente associada com elas”.

Em relação à variável agregada *indivíduo*, os resultados apresentados na Tabela 2 indicam que 14,4% da variabilidade na palatalização pode ser explicada pela variação entre os indivíduos, independente da *cidade*, do *sexo/gênero*, da *idade* e da *escolaridade*, todas controladas no modelo. Podemos afirmar que aspectos não controlados nesse estudo, relacionados com os indivíduos, interferem na variabilidade. Entretanto, mesmo não tendo ciência da interferência de tais aspectos, o controle do indivíduo, como um nível agregado, permite que o resultado das variáveis sociais investigadas seja mais confiável e reflita melhor a realidade observada.

O resultado para a variável *item lexical* (tabela 3) nos possibilita afirmar que 13% da variabilidade no nível linguístico pode ser atribuída à variação entre os itens lexicais e que, portanto, nossas variáveis linguísticas investigadas (a *tonicidade*, a *posição*, a *vogal seguinte* e o *consoante alvo*) explicam grande parte da variação no processo.

Os resultados da variável *cidade* mostram que há ocorrência da palatalização em todas as cidades investigadas. A cidade que mais favoreceu o processo de palatalização foi Maceió, enquanto Delmiro Gouveia, no Sertão alagoano, o desfavoreceu. As demais cidades pesquisadas apresentaram comportamento linguístico similar (entre 15% e 20%).

Com base nesse resultado, propusemos organizar os dados em três regiões de palatalização em Alagoas: o *oeste*, a *capital* e uma região que agrega o centro e o nordeste do estado, a qual denominamos *centro-nordeste*. Para testarmos o efeito dessas regiões, criamos uma nova variável *região*

com três categorias: oeste (Delmiro Gouveia), centro-nordeste (Santana do Ipanema, Arapiraca e Palmeira dos Índios, São Miguel dos Milagres e União dos Palmares) e a capital (Maceió). Em seguida, utilizamos o TRV para testarmos a diferença entre o modelo ajustado com a variável *cidade* e o modelo com a variável *região*. O resultado foi uma significância de 0,20, o que demonstra não serem os modelos testados estatisticamente diferentes, sendo, pois, o melhor modelo o que contém o agrupamento das cidades com percentuais semelhantes de palatalização. A tabela a seguir apresenta os resultados da variável *região*:

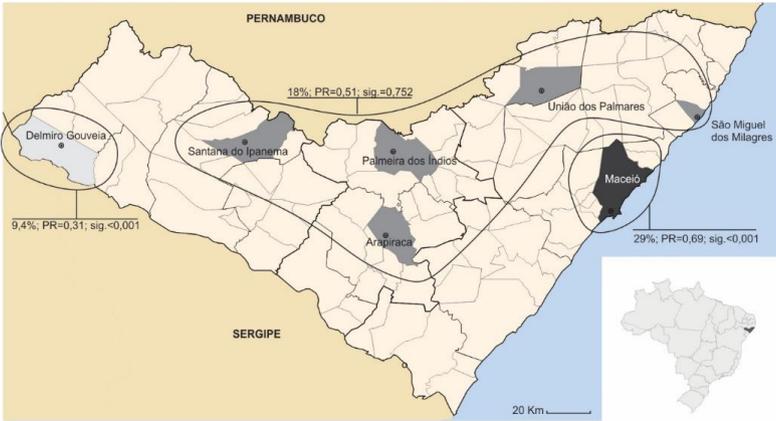
Tabela 4: Efeito da variável região na palatalização das oclusivas alveolares em Alagoas

	Total	% palatalização	Peso Relativo	Sig. _{Wald}	Sig. _{TRMV}
Região em Alagoas					3,4e-10
Capital	974	28,6	0,69	<0,001	
Centro-Nordeste	3.413	17,7	0,51	0,752	
Oeste	755	9,4	0,31	<0,001	
Total	5.142	18,6			

Fonte: elaboração própria

Considerando os resultados da análise, percebe-se que há um efeito diatópico na palatalização em Alagoas, aumentando do oeste para o centro-nordeste e ampliando-se na capital do Estado, como podemos observar no mapa a seguir:

Mapa 1 – Distribuição da palatalização das oclusivas alveolares em Alagoas

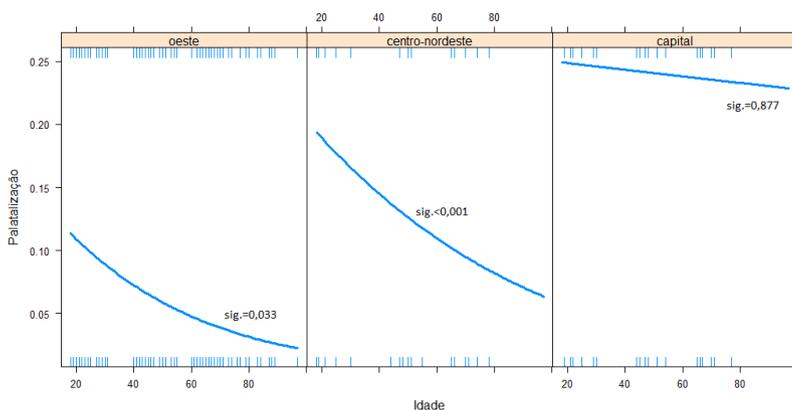


Fonte: elaboração própria

Vejamos, agora, o efeito da interação entre *idade* e *região* na palatalização das oclusivas alveolares disposto no gráfico 1. Suas linhas representam o efeito da variável *idade* nas diferentes regiões do Estado. Observamos que, em todas as regiões, há um efeito inversamente proporcional da palatalização; quanto mais jovem, maior a palatalização. Isso indica que a palatalização se configura como um caso de mudança linguística em progresso.

Pela posição das linhas nas diferentes regiões, observamos probabilidades mais elevadas de palatalização na capital, onde os idosos ainda têm probabilidade maior de palatalizar do que jovens das demais regiões. Isso indica que o processo é mais avançado nessa região. Por outro lado, a idade não apresenta significância estatística na capital (sig.=0877), o que indica que, apesar de observarmos uma tendência de os jovens produzirem mais a palatalização, essa tendência não é estatisticamente significativa. Nas demais regiões, *idade* tem um efeito maior na palatalização.

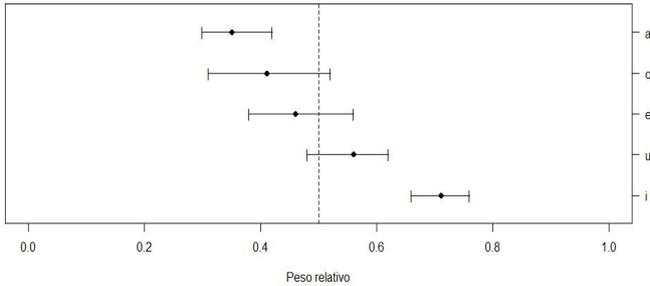
Gráfico 1 – Efeito da interação entre idade e região na palatalização das oclusivas alveolares em Alagoas



Fonte: elaboração própria

Temos indícios de que a palatalização progressiva de oclusivas precedidas de /s/ não é socialmente estigmatizada (ausência de significância do *sexo-gênero* e da *escolaridade*). Concluimos que há mudança linguística em direção à palatalização. Nossa hipótese é a de que o processo se iniciou em Maceió, expandindo-se gradualmente para o interior; o processo caminha para configurar-se como variação estável na Capital, diferentemente do que ainda se observa no interior.

Gráfico 2 – Variável *vogal seguinte* e a palatalização das oclusivas alveolares em Alagoas



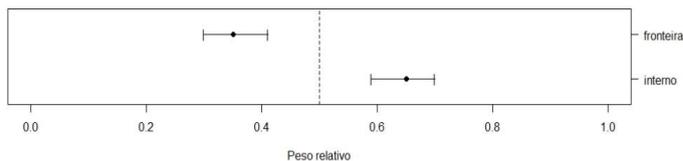
Fonte: elaboração própria

No gráfico 2, a linha pontilhada corresponde ao efeito neutro (PR=0,50). As linhas de cada fator representam o intervalo de confiança do efeito do fator. O símbolo • representa o peso relativo; o traço à esquerda, o menor valor no intervalo de confiança e, à direita, o maior valor. A ausência de significância estatística ocorre quando o efeito médio está dentro do intervalo de confiança do fator.

A variável *vogal seguinte* diz respeito à vogal posterior às consoantes t/d: a (aposta), e (sustento), i (pesti), o (gostoso), u (gosto). Os resultados expressos na tabela 1 e no gráfico 2 demonstram que a palatalização é favorecida pela vogal *i* (PR=0,71) e desfavorecida pela vogal *a* (PR=0,35). As demais vogais não apresentam diferença estatisticamente significativa em relação ao efeito neutro.

Battisti e Hermans (2016) explicam por que a vogal /i/ é o único gatilho da palatalização regressiva de /t/ e /d/ no Português Brasileiro (PB). Os autores demonstram o alto grau de consonantalidade de /i/ e afirmam que “as plosivas coronais são os alvos típicos da palatalização porque são altamente consonantais e, assim sendo, são maximamente idênticas (em termos elementais) ao gatilho típico” (BATTISTI;HERMANS, 2016, p. 73).

Gráfico 3 - Variável *posição* e a palatalização das oclusivas alveolares em Alagoas



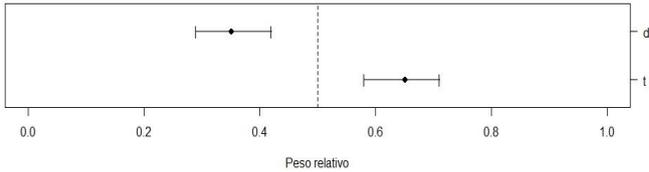
Fonte: elaboração própria

O gráfico 3 apresenta os resultados da variável *posição*, que diz respeito à posição do processo em relação aos itens lexicais; se é interno ao item e, portanto, /s/ pertence ao mesmo item (como ‘desde’ e ‘gostar’); ou se está na fronteira, sendo /s/ o segmento final do item lexical anterior (como ‘mas também’ e ‘as duas’).

Os resultados expressos na tabela 1 e no gráfico 3 demonstram que o contexto de *fronteira* é desfavorecedor da palatalização progressiva (6,2% e PR=0,35), ao contrário do contexto *interno* (25,2% e PR=0,65). A variável *posição* revelou que, embora seja possível a palatalização em limite de itens lexicais, essa probabilidade diminui significativamente quando comparada ao interior de itens lexicais. O gráfico a seguir apresenta os resultados da variável *consoante alvo* /t/ ou /d/ (gosto e desde).

Os resultados apresentados na tabela 1 e no gráfico 4 demonstram que a probabilidade de ocorrência da palatalização é bem maior quando a consoante é /t/ (23,3% e PR=0,65) do que quando é /d/ (5,7% e PR=0,35). Tal resultado está de acordo com outros trabalhos que demonstram o favorecimento de /t/ no processo (MOTA; ROLEMBERG, 1997; SANTOS, 1996; HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014; OLIVEIRA, 2017).

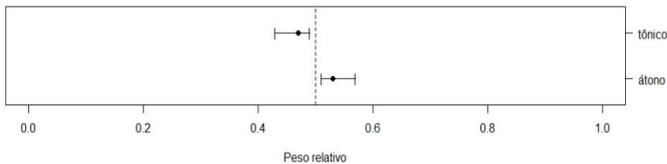
Gráfico 4 – Variável *consoante alvo* e a palatalização das oclusivas alveolares em Alagoas



Fonte: elaboração própria

É possível que o favorecimento da consoante /t/ esteja associado à ausência de vibração das pregas vocais, o que faz com que tal consoante seja articulada com menor energia, favorecendo processos assimilatórios. Tal razão é apontada em Hora (1990), Abaurre e Pagotto (2002) e Battisti e Guzzo (2009).

Gráfico 5 – Variável *tonicidade* e a palatalização das oclusivas alveolares em Alagoas



Fonte: elaboração própria

O gráfico 5 apresenta os resultados da variável *tonicidade*, a qual se refere à presença ou ausência de acento na sílaba que contém a *consoante-alvo* t/d, como em ‘estudar’ e ‘gosto’ (átonas) e ‘estudo’ e ‘gostoso’ (tônico).

Os resultados apresentados na tabela 1 e no gráfico 5 demonstram que a palatalização tem maior probabilidade de ocorrer em sílabas

átonas (19,8% e PR=0,53) do que em sílabas tônicas (17,1% e PR=0,47). Esse resultado confirma a hipótese inicial de que a sílaba átona favorece o processo, pois acreditamos, em consonância com Bisol (1991), que o critério de saliência atesta que as formas inovadoras em sílabas menos proeminentes tendem a ter mais sucesso que as inovações em sílabas fortes. Para a autora, “A regra incipiente mostra preferência por realizações sensíveis que passam despercebidas (...)” (BISOL, 1991, p. 117). Entre tais realizações, Bisol destaca os elementos que apresentam “menor força prosódica”, entre outros.

Conclusão

Concluimos que a palatalização progressiva de oclusivas precedidas de fricativa palatalizada em Alagoas/AL não é socialmente estigmatizada (*escolaridade e sexo/gênero* não apresentam efeito no processo). Concluimos que há mudança linguística em direção à palatalização e que o processo está relacionado com aspectos diatópicos, sendo mais produtivo na capital do Estado e menos produtivo na região oeste. Nossa hipótese é a de que o processo se iniciou em Maceió, expandindo-se gradualmente para o interior.

O controle das variáveis agregadas *indivíduo* e *palavra* permitiu que o resultado das variáveis sociais e linguísticas investigadas fosse mais confiável e refletisse melhor a realidade observada. Os valores baixos do coeficiente de correlação intraclasse (menor que 15%) indicam que as variáveis independentes analisadas nesse estudo explicam grande parte da variabilidade observada.

Quanto aos condicionamentos linguísticos, inferimos que a palatalização é influenciada pelo contexto seguinte /i/, o que está em consonância com a análise de Battisti e Hermans (2016), para quem a vogal /i/ é o único gatilho da palatalização regressiva de /t/ e /d/ no PB, visto

que tal gatilho é maximamente idêntico às consoantes-alvo. Em relação à posição na palavra, concluímos que, embora seja possível a palatalização em limite de itens lexicais, essa probabilidade diminui significativamente quando comparada ao interior de itens lexicais. Concluímos, também, que a probabilidade de palatalização é maior na oclusiva /t/ do que em /d/, resultado que pode estar associado à ausência de vibração das pregas vocais, o que faz com que tal consoante seja articulada como menor energia, favorecendo processos assimilatórios. Na mesma direção, concluímos que a palatalização é maior nas sílabas átonas do que nas tônicas.

Referências

- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. A palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: *Gramática do português falado VII: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 557-602.
- BATTISTI, E.; HERMANS, B. Palatalização no português brasileiro e nas línguas do mundo: motivação estrutural, seleção de gatilhos e alvos. *Linguística*, Montevideo, v. 32, n. 1, p. 61-75, jun. 2016. Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v32n1/v32n1a05.pdf>, acesso em 21 set. 2020.
- BATTISTI, E.; GUZZO, N. B. Palatalização das oclusivas alveolares: O caso de Chapecó. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (org.). *Português no sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p.114-140.
- BISOL, L. Palatalization and its variable restriction. In: *International Journal of Sociology of Language*, Mouton, n. 89, p. 107-124, 1991.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 4 ed. São Paulo: Vozes, 2011.
- CREGAN, A. *Sociolinguistic Perspectives on the Context of Schooling in Ireland*. Vol. II: parent perceptions. Combat Poverty Agency. Working Paper Series 08/04. August, 2008. Disponível em: <http://www.combatpoverty.ie/>

publications. Acesso 28 nov 2016.

HENRIQUE, P.; HORA, D. Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense. In: JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO NORDESTE, 24. 2012, Natal-RN. *Anais...* Natal: EDUFRRN, 2012. p. 150-161.

HORA, D. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear*. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, PUC-RS, Porto Alegre, 1990.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: LABOV, W. *Language Variation and Change*. V. 2. Cambridge: University Press, 1991, p. 205-254.

MEYERHOFF, M. *Introducing Sociolinguistics*. New York: Routledge, 2006.

MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

MOTA, J.; ROLEMBERG, V. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, D. (org.) *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 131 - 140.

OLIVEIRA, A. A. *Processos de Palatalização das oclusivas alveolares em Maceió*. 2017. 250f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

OLIVEIRA, A. A.; OLIVEIRA, A. J.; PAULA, A. S. Palatalização das oclusivas alveolares [t] e [d] com a semivogal [j] em contexto anterior na cidade de Maceió. *Revista Leitura*, Maceió, v. 1, n. 60, p. 102-122, jan./jun. 2018.

SANTOS, L. F. *Realização das oclusivas /t/ e /d/ na fala de Maceió*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGL-UFAL, Maceió, 1996.

SOUZA NETO, A. F. *Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju*. Sergipe. Aracaju: Editora UFS, 2014.

WIENREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

Progressive palatalization of / t / and / d / preceded palatalized fricative in Alagoas: change in progress towards stabilization

Abstract: This study investigates, from theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics, the variable assimilation process of progressive palatalization of alveolar occlusives preceded by palatalized of alveolar fricative, as in linguistic forms of the type 'gos[t]o' ~ 'gos[tʃ]o' or 'des[d]e' ~ 'des[dʒ]e', in Alagoas. The study analyzes 5,142 occurrences of spontaneous speech data from 168 participants distributed in 7 cities in Alagoas/AL, stratified between age, sex/gender and education. The variants were classified by spectrographic analysis using the PRAAT computer program. The data were statistically analyzed in the R program, on its RStudio integrated development platform, by performing the maximum likelihood estimation (MLE), the Wald test and the intraclass coefficient correlation test (ICC) in a model multivariate multilevel regression. It is concluded that there is a linguistic change in progress towards palatalization and that the process is related to diatopic aspects, being more productive in the state capital and less productive in the western region. Our hypothesis is that the process started in Maceió, expanding gradually and progressively towards the interior; the process tends to stable variation in the capital, differently from what is still observed in the interior of the state. It is also concluded that the process is not socially stigmatized, since education and sex/gender do not have a significant effect when choosing the variants.

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Phonetic-phonological variation in Alagoas. Progressive palatalization.